

## **Site Museu da Periferia: o Uso da História Oral para Registrar e Preservar a História da Vila Torres<sup>1</sup>**

Amábili Gabrielli Gomes<sup>2</sup>  
Emily Miquelino Camargo de Mattos<sup>3</sup>  
João Pedro Mello Bragança<sup>4</sup>  
Juliana Barbosa de Carvalho<sup>5</sup>  
Valentina Copack Muniz<sup>6</sup>  
Vitoria da Silva Smarci<sup>7</sup>  
José Carlos Fernandes<sup>8</sup>  
Gabriel Alexandre Bozza<sup>9</sup>  
Universidade Federal do Paraná

### **RESUMO**

Este trabalho apresenta o site “Museu da Periferia” da Vila Torres – comunidade localizada em Curitiba/PR –, desenvolvido pelo Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep) da UFPR, em parceria com os moradores. Os materiais que compõem o site começaram a ser coletados em 2018 e seguem sendo reunidos e organizados até os dias atuais, tendo como principal base os documentos antigos e os relatos orais, com o objetivo de contar, registrar e preservar a memória da Vila Torres.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vila Torres; Museu da Periferia; História Oral; Site; Injustiça Arquivística.

### **INTRODUÇÃO**

O projeto “Museu da Periferia”, desenvolvido pelos extensionistas do NCEP (Núcleo de comunicação e educação popular) da UFPR, juntamente com os moradores da Vila Torres – comunidade localizada em Curitiba –, consiste em um website elaborado com finalidades educacionais, que busca democratizar o museu e registrar a história dos que ali habitam.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

<sup>2</sup> Estudante da Graduação do 3º. semestre curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: [amabiligomes@ufpr.br](mailto:amabiligomes@ufpr.br)

<sup>3</sup> Estudante da Graduação do 5º. semestre curso de Relações Públicas da UFPR, e-mail: [emilymattos@ufpr.br](mailto:emilymattos@ufpr.br)

<sup>4</sup> Estudante da Graduação do 3º. semestre curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: [joao.mello@ufpr.br](mailto:joao.mello@ufpr.br)

<sup>5</sup> Estudante da Graduação do 3º. semestre curso de Relações Públicas da UFPR, e-mail: [julianabarbosa1@ufpr.br](mailto:julianabarbosa1@ufpr.br)

<sup>6</sup> Estudante da Graduação do 3º. semestre curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: [valentinacopack@ufpr.br](mailto:valentinacopack@ufpr.br)

<sup>7</sup> Estudante da Graduação do 3º. semestre curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: [vitoria.smarci@ufpr.br](mailto:vitoria.smarci@ufpr.br)

<sup>8</sup> Professor do Departamento de Comunicação da UFPR. E-mail: [zeca@ufpr.br](mailto:zeca@ufpr.br)

<sup>9</sup> Orientador. Professor do Departamento de Comunicação da UFPR. E-mail: [gabrielbozza@ufpr.br](mailto:gabrielbozza@ufpr.br)

A Vila Torres, localidade com histórico mais antigo de área favelizada em Curitiba, surgiu em 1950, como parte da hoje extinta “Favela do Capanema”. O trecho hoje chamado de “Torres” teve anteriormente a alcunha “Vila Pinto”, em homenagem ao líder que supervisionava as vendas de terras naquela época. A “Vila Torres” fica localizada a dois quilômetros de distância do centro, próxima à PUC-PR e cercada por bairros de alto padrão.

O projeto “Museu da Periferia” nasce a partir da ONG Passos da Criança, localizada na Vila Torres e com selo de melhores Ongs do Brasil. Em 2019, convidou o NCEP para construir o projeto, partindo da ideia do museu como um ambiente para registrar a história da comunidade, no sentido decolonial das histórias não registradas (Vergès, 2023). Desse modo, nasceu o projeto de um museu guiado de forma virtual, de modo a democratizar o acesso para que esse espaço seja experienciado por todos, especialmente para os moradores.

O NCEP utiliza dos princípios da educomunicação para desenvolver o projeto, com visitas à vila e, sobretudo, cultivando diálogos e vínculos com os moradores (Citelli, 2017). A escuta ativa contribuiu para a construção de um relacionamento positivo entre os extensionistas e a comunidade, de forma horizontal e respeitosa. Como repositório virtual, o Museu da Periferia amplia as experiências dos moradores e dos visitantes do site, proporcionando reflexões sobre a memória e funcionando também como um espaço de aprendizado (Martins, 2014).

## **A HISTÓRIA ORAL NO REGISTRO DAS MEMÓRIAS DA COMUNIDADE**

A História Oral tem o poder de captar as experiências de um indivíduo ou de um coletivo de pessoas (Ribeiro, Ferreira, 2007). Trata-se de um campo que busca registrar versões e interpretações da história sob diferentes perspectivas, especialmente aquelas que não são encontradas nos registros oficiais. A coleta da História Oral é um exercício que não apenas reúne memórias, mas também constroi saberes, contribuindo para a produção de conhecimento histórico e para a valorização de realidades muitas vezes marginalizadas. Esse é o caso da Vila Torres, cujas experiências de vida, marcadas por exclusões, resistências e pertencimento coletivo, podem ser compreendidas com maior profundidade através dos relatos orais e dos depoimentos de seus moradores e lideranças comunitárias.

O termo “depoimento” esteve, durante muito tempo, associado à busca de estabelecer a verdade concreta dos fatos. Porém, segundo Queiroz (1987), o termo perdeu esse valor e passou a ter outro significado. O depoimento deixa de ser um meio para atestar verdades absolutas e passa a representar uma forma legítima de contar história sob a percepção de quem vivenciou. No entanto, para alegar que o depoente participou do que narra é preciso certificar a história contada através de outras fontes de informações. Isso se deve ao fato de que a memória é um campo em constante mudança. Por isso, o cruzamento dos depoimentos com outras fontes são etapas fundamentais. Ainda assim, Queiroz explica que a necessidade de verificação dos fatos não descredibiliza o valor do depoimento, mas evidencia a importância de “testá-lo” com outras fontes para identificar possíveis convergências ou divergências. A história oral, nesse sentido, se consolida como uma forma poderosa de pesquisa e escuta, por permitir compreender, ouvir e registrar as vozes historicamente silenciadas.

Essa escuta se torna ainda mais importante quando se considera o justicamento arquivístico, entendido como a ausência dessas vozes nos registros históricos. Tal ausência revela as estruturas de poder que controlam quem tem o direito à memória, o arquivo ou acervo, conferindo autoridade ao que é preservado. O poder, portanto, não apenas arquiva, mas também decide o que pode ser lembrado e, conseqüentemente, o que é esquecido. O resultado é um acervo que representa apenas uma parte da sociedade, deixando para trás as pessoas que não têm acesso a esse poder de memória (Camargo, Goulart, 2015). Portanto, os arquivos são espaços de memória e política, nos quais se constroem memórias, identidade e poder. Os arquivos não são apenas depósitos de papéis, mas são construções sociais. Logo, ouvir e registrar as vozes esquecidas não é apenas um exercício metodológico, mas uma postura diante das desigualdades históricas na preservação da memória.

Por meio de documentos e da História Oral, o site “Museu da Periferia” foi construído. É comum que os vestígios orais sejam subestimados, por não serem tão formais quanto à escrita. Entretanto, a oralidade é uma herança importante para a memória, que merece o reconhecimento, uma vez que esses vestígios são utilizados até mesmo em espaços museológicos, como no Museu da Resistência, o Museu da Língua Portuguesa e o Museu do Holocausto.

A criação de um museu baseado nos relatos orais e nos depoimentos para contar a história da comunidade é um passo para a construção de um futuro mais inclusivo, onde todas as histórias e memórias tenham o direito de ser ouvidas, lembradas e preservadas (Vergès, 2023). No “Museu da Periferia”, esses acervos orais desempenham um papel crucial para a construção do site, o que possibilita estudar e narrar a história da Vila Torres a partir de uma imersão na memória popular.

### **A VILA TORRES NA PERSPECTIVA DOS MORADORES**

Para entender a Vila Torres por dentro, é preciso consultar o relato dos moradores e lideranças da comunidade. Marcos Eriberto dos Santos (Marcão), Valdemilson Osório de Campos (Tanaka), Esni Alves de Souza, José Cordeiro de Siqueira, Diorlei Santos, Maurina Carvalho da Silva, Arminda de Faria de Oliveira, Irenilda Arruda, Ezequiel Bibiano e Adilson Pereira de Souza são dez personalidades importantes para o desenvolvimento da Vila Torres e para sua configuração atual, portanto, são os depoentes escolhidos para mostrar a visão dos moradores sobre o bairro (Rovida, 2020).

A origem das ex-lideranças da comunidade está conectada por um mesmo evento que as levou a morar na vila: a Geada Negra no norte do Paraná, que aconteceu no dia 18 de julho de 1975, durante um intenso inverno. Esse evento marcou o fim da monocultura do café na região norte do estado. Muitas famílias dependiam do trabalho manual nas fazendas. De repente, diversas delas foram despejadas, e a fome chegou. Caravanas foram organizadas para trazer mulheres e crianças pequenas até a capital, com a promessa de uma vida com mais qualidade.

Maurina relembra o sofrimento da adaptação ao novo ambiente, com o frio rigoroso da cidade, a falta de agasalhos, a dificuldade de encontrar escola para os filhos e o preconceito dos curitibanos. Ela conta que as lideranças buscavam diferentes instâncias da justiça, programas sociais e instruções que ajudassem a melhorar os espaços de lazer, as residências e o processo de legalização dos terrenos. Esni compartilhou que o papel do líder também era promover manifestações na Câmara de Vereadores, denunciar na mídia e em espaços públicos aquilo que a população e a política urbana de Curitiba ignoravam: um bairro em construção por trabalhadores migrantes que lutavam por moradia, trabalho, estudo e lazer dignos.

Durante os relatos dos entrevistados, nota-se um trabalho social contínuo de apoio direto aos moradores e de reivindicação junto à prefeitura por uma estrutura urbana que garantisse a sobrevivência. Essas lideranças enfrentaram diferentes formas de preconceito na cidade de Curitiba para conseguir emprego e, quando conseguiam, geralmente era em subempregos. Elas são mencionadas nas entrevistas como alternativas reais para conquistar espaço na capital e acolher talentos locais por meio de projetos sociais criados pelos próprios moradores.

Um aspecto simbólico nas entrevistas com as ex-lideranças é que, em diversos momentos, um menciona o nome do outro com palavras de gratidão e reconhecimento pelo trabalho realizado e pelas conquistas obtidas em conjunto. Mesmo atuando em mandatos diferentes — e, às vezes, em posições políticas opostas — os entrevistados valorizam uns aos outros com afeto e nostalgia ao compartilhar memórias das conquistas materiais e simbólicas da vila (Martins, 2014).

As lideranças veem a Vila Torres como um território de grande importância histórica para Curitiba, sendo considerada a periferia mais antiga da cidade e um dos últimos resquícios da antiga Vila Capanema. Mesmo enfrentando estigmas e exclusões, a Vila se destaca como um espaço de resistência, organização comunitária e produção cultural, o que a torna naturalmente merecedora de um museu próprio.

Os moradores e as lideranças reconhecem a importância fundamental de um espaço de memória, ainda que a palavra “museu” possa soar estranha ou distante para muitos moradores. A construção de um museu — mesmo que virtual — é vista como uma forma de preservação da história da comunidade e um instrumento pedagógico para as gerações futuras. O museu representa um espaço de afirmação de identidade, resistência e valorização da história coletiva, contrapondo-se à narrativa dominante.

As lideranças da Vila Torres compreendem seu território como um espaço de grande relevância histórica, marcado por resistências e exclusões, mas também por uma trajetória de luta e organização comunitária. Reconhecem que, apesar dos estigmas ainda presentes — como o rótulo de “favela” reforçado pelo noticiário policial —, a vila tem um lugar único na história de Curitiba. Além disso, acreditam que a Vila Torres tem muito a ensinar para a cidade. A experiência comunitária local revela práticas de solidariedade, criatividade cultural, autogestão e construção de redes de apoio que contrastam com as dinâmicas excludentes da cidade formal. Iniciativas como a ONG

Passos da Criança, o bloco Afro Pretinhosidade e o próprio movimento em torno do museu demonstram a potência da vila como espaço de inovação social e resistência cotidiana.

Por outro lado, também reconhecem que há muito a ser desenvolvido. A vila ainda enfrenta problemas estruturais, como a precariedade habitacional, a poluição do Rio Belém, o estigma social e a dificuldade de acesso pleno a direitos básicos. Há uma demanda por maior valorização da educação crítica, fortalecimento da cultura local e ampliação das políticas públicas. O museu surge, nesse contexto, como uma possibilidade de transformação, ao mesmo tempo simbólica e prática, que articula memória, identidade e ação comunitária em prol de uma vila mais justa e reconhecida por sua própria história.

## REFERÊNCIAS

- CAMARGO, Ana Maria. GOULART, Silvana. **Centros de memória:** uma proposta de definição. São Paulo: Sesc Edições, 2015.
- CITELLI, Adilson (org.). **Comunicação e educação:** os desafios da aceleração social do tempo. São Paulo: Paulinas, 2017.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Relatos orais:** do indizível ao dizível. São Paulo: Ciência e Cultura, 1987.
- MARTINS, José de Souza. **Uma sociologia da vida cotidiana.** São Paulo: Ed. Contexto, 2014.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. FERREIRA, Lúcia Maria (orgs.). **Mídia e memória:** a produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- ROVIDA, Mara. **Jornalismo das periferias:** o diálogo social solidário nas bordas urbanas. Curitiba: Ed. CRV, 2020.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo/Belo Horizonte: Companhia das Letras/Ed. UFMG, 2007.
- VERGÈS, Françoise. **Decolonizar o museu:** programa de desordem absoluta. São Paulo: Ubu Editora, 2023.